

# ANÁLISE DO DISCURSO: O COLETIVO COMO MODO DE REEXISTÊNCIA DO SUJEITO BIXA PRETA

DISCOURSE ANALYSIS: THE COLLECTIVE AS A MODE OF RE-EXISTENCE THE COLLECTIVE AS A MODE OF RE-EXISTENCE OF THE BLACK QUEER SUBJECT

Milena Beatriz Vicente VALENTIM

[milenavvalentim@gmail.com](mailto:milenavvalentim@gmail.com)

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Goiás, Brasil

Pedro Anácio CAMARANO

[magopac@hotmail.com](mailto:magopac@hotmail.com)

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapava, Paraná, Brasil

Pedro Ivo SILVA

[pedro.ivo@ifb.edu.br](mailto:pedro.ivo@ifb.edu.br)

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Goiás, Brasil

**Resumo:** Apresentamos, neste artigo, nossas considerações acerca da produção de sentidos em enunciados de sujeitos bixas pretas e sobre seus processos de subjetivação. A partir de um *corpus* composto por narrativas autobiográficas presentes no arquivo da dissertação de mestrado do pesquisador Pedro Ivo Silva, intitulada *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*, analisamos a participação de sujeitos em coletivos como modo de reexistência. Para tanto, baseamo-nos em Michel Foucault, tomando a arqueogenealogia como modelo metodológico para fazer Análise do Discurso. Além disso, para ampliamiento e reforço argumentativo, privilegiamos fundamentos teóricos de sujeitos mulheres e/ou dissidentes da norma sexo/gênero e/ou negros. Os resultados apontam para o fato de que o coletivo, enquanto processo de criação e recriação de tramas discursivas e dramas de sociabilidades, possibilita um redesenho subjetivo.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Coletivo; Processos de Subjetivação; Michel Foucault; Arqueogenealogia.

**Abstract:** In this article, we present our considerations about the production of meanings in utterances of black queer subjects and about their processes of subjectivation. From a *corpus* composed of autobiographical narratives present in the archive of researcher Pedro Ivo Silva master's thesis, entitled *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*, we analyze the participation of subjects in collectives as a way of re-existence. For that, we base ourselves on Michel Foucault, taking archeogenealogy as a methodological model to do Discourse Analysis. In addition, for expansion and argumentative reinforcement, we privileged theoretical foundations of female subjects and/or dissidents of the norm sex/gender and/or blacks. The results point to the fact that the collective, as a process of creation and recreation of discursive plots and sociability dramas, enables a subjective redesign.

**Keywords:** Discourse Analysis; Collective; Subjectivation Processes; Michel Foucault; Archeogenealogy.

## INTRODUÇÃO

(...) precisamos desenvolver uma ética que dê conta de nos solidarizar e possibilitar uma frente de re(ex)istência aos poderes que nos querem aprisionar e exterminar (Lucas Lima, 2017, p. 200).

Não é fortuito colocarmos como epígrafe deste texto uma citação da bixa preta<sup>3</sup> Carlos Henrique Lucas Lima. Além de relacionar-se diretamente com o objeto de nossa reflexão neste trabalho, a inscrição joga luz sobre um intelectual brasileiro cujos discursos refletem a posição sujeito de quem enuncia a favor da necessidade de se criar estratégias de descolonização das subjetividades.

Temos vivenciado há alguns anos no Brasil a ascensão do *bolsonarismo* como um movimento de extrema-direita que ganhou aderência em diversas camadas populares. O termo relaciona-se com a figura do sujeito Jair Bolsonaro, ex-presidente da república (2019-2022), mas ultrapassa as vontades de verdade deste sujeito, abarcando uma série de expectativas, percepções e visões de mundo que não se esgotam em sua figura. De acordo com Silva (2020, p. 28) o *bolsonarismo* caracteriza-se pela “popularização, normalização e banalização de um discurso de ódio anticientificista, populista, com rastros fascistas e revestido de uma pseudodemocracia”. Por considerarmos e nos posicionarmos quanto à atual situação política no país, onde o *bolsonarismo* permanece como força muito potente dentre as relações de poder, privilegiamos nesta investigação autores cujos trabalhos evidenciam práticas de resistência nos processos de subjetivação.

Tendo como objetivo principal refletir sobre a produção de sentidos em enunciados de bixas pretas sobre seus processos de objetivação e sobre uma prática específica de liberdade, a participação em coletivos, a pesquisa toma como *corpus* narrativas autobiográficas, gravadas em áudio por meio de uma entrevista aberta e transcrita posteriormente. Essas narrativas fazem parte de um arquivo analisado na dissertação de mestrado do pesquisador Pedro Ivo Silva, intitulada *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*, defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em 2017.

Partindo do pressuposto foucaultiano de que os modos de subjetivação são, ao mesmo tempo, as práticas que constituem os sujeitos e as formas de atividades sobre si mesmo, os enunciados da análise foram escolhidos estrategicamente para que se possa perceber o poder exercido sobre o sujeito e o sujeito exercendo um trabalho sobre a própria subjetividade.

---

<sup>3</sup> O termo bixa (ou bixa preta) foi adotado ao longo do texto para referir-se àqueles sujeitos identificados como homossexuais negros. Essa escolha gráfica, como se verá, corresponde à forma como os sujeitos entrevistados se autodenominaram.

Como modelo metodológico, seguiremos a Escola Brasileira de Estudos Discursivos Foucaultianos para fazer Análise do Discurso (AD). Em termos práticos, isto significa basear-se na forma arqueogenealógica de fazer pesquisas, a exemplo de Michel Foucault.

Em curso intitulado *Os discursos e as emoções: análise do discurso e história das sensibilidades*, desenvolvido de março a julho de 2022, os pesquisadores do discurso Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Vanice Sargentini promoveram reflexões sobre como é possível relacionar discursos e sentimentos. Segundo esses pesquisadores, existem duas possibilidades de se fazer essa relação, sendo que uma não exclui a outra: 1) os discursos tematizam, falam de sensações, sentimentos, paixões, afetos; 2) os discursos materializam, encarnam essas dimensões patêmicas.

Nesse sentido, cabe ressaltar que esta pesquisa é um exercício de análise que toma os sentimentos como uma possível materialidade do discurso.

## JOGOS DE FORÇAS PRESENTES NA SUBJETIVAÇÃO DA BIXA PRETA

No livro *A arqueologia do Saber*, há uma densa problematização sobre o entendimento da história como algo contínuo, capaz de revelar o nascimento exato das coisas. Para Foucault (2008), a melhor maneira de se fazer análises históricas seria mostrando a heterogeneidade e a proliferação de discursos que se encontram na proveniência (não na origem) das vontades de verdades. Dessa forma, é por meio da exibição do descontínuo que se torna possível o resgate da “contingência histórica, que nos faz ser o que somos, possibilidades de ruptura e de mudança” (Revel, 2011, p. 6).

Nessa perspectiva, acreditamos que o sujeito negro, assim como o sujeito homossexual, como se vê na atualidade, tem uma história, e essa história precisa ser contada para que seja possível estranhar e desnaturalizar a objetivação injuriada desses sujeitos. A esse processo, Foucault deu o nome de genealogia:

O método genealógico é uma tentativa de desassujeitar os saberes históricos, isto é, de torná-los capazes de se opor e de lutar contra “a ordem do discurso”; isso significa que a genealogia não busca somente no passado a marca de acontecimentos singulares, mas que ela se questiona a respeito da possibilidade dos acontecimentos nos dias de hoje (Revel, 2011, p. 70).

Essa investigação, imbricada às relações de poder, situa o conhecimento no âmbito das lutas. Trata-se de um olhar profundo sobre a ordem do discurso e sobre o enfrentamento aos dispositivos de dominação.

Por ser demasiadamente amplos e labirínticos, não detalharemos os diversos jogos de forças presentes no fluxo discursivo da emergência do sujeito bixa preta. No entanto, apresentamos, de forma perfunctória, produções discursivas presentes na proveniência da estruturação de desprestígios sociais dos negros homossexuais.

Sobre o sujeito negro, Bernd (1994) indica que a diferença racial foi uma invenção, dentro das relações de saber-poder do século XVII, para justificar a dominação, exploração e escravidão de determinados povos colonizados. Assim, diferenças fenotípicas, como cor da pele, textura dos cabelos, forma do nariz e da boca, por exemplo, e culturais “foram utilizadas como justificativas para uma suposta diferença biológica que situava uns em situação natural de inferioridade em relação a outros” (Oliveira, 2017, p. 41).

Por outro lado, pensando na pluralidade de acontecimentos, a teoria de distinção de raça propriamente dita, desenvolvida a partir de bases (pseudo)científicas, só entrou em circulação no século XIX. Segundo Bernd (1994), o filósofo francês Arthur de Gobineau foi um dos iniciadores dessa subalternização, por meio do seu livro *Ensaio sobre as desigualdades das raças*, publicado em 1853, onde estabeleceu a superioridade da raça branca sobre as demais.

No que tange ao sujeito homossexual, é sabido que relação sexual e/ou afetivo-sexual entre pessoas com órgãos genitais homólogos sempre existiu ao longo da história, nas mais diferentes sociedades. Contudo, Foucault (2005) indica que no século XIX emergiram discursos (pseudo)científicos criando a homossexualidade como uma espécie anormal, patológica. Um dos discursos mais eficientes, nesta perspectiva, encontra-se em Richard von Krafft-Ebing: um psiquiatra alemão, autor do livro *Psychopathia Sexualis*, publicado pela primeira vez em 1886. Na concepção de Krafft-Ebing, o objetivo do desejo sexual era a procriação, qualquer coisa em desconformidade com isso seria uma perversão.

A vontade de verdade estabilizada por esses discursos opera também atualmente na subjetividade das bixas pretas: muitas vezes a associação da cor de sua pele e de sua orientação sexual com algo fora da norma desperta nesses sujeitos sentimentos depreciativos de si, subjetivando-os a se perceberem como feios e/ou do inapropriados.

Contudo, seguindo o raciocínio historiográfico foucaultiano, devemos lembrar que há no poder uma “multiplicidade de correlações de força [...] através de lutas e afrontamentos incessantes” (Foucault, 2005, p. 89), o que equivale ler o poder não apenas em sua conotação negativa, mas também em suas possibilidades de produção, de transformação, e de resistência. A partir da possibilidade indicada por Bernd (1994), entendemos que, nos interstícios do *racismo* como uma dessas forças de poder, o termo abarca a hostilidade não somente em relação a sujeitos negros, mas também aos demais sujeitos injuriados. Na dispersão de discursos de ódio (já que o racismo é uma forma de incitar ao ódio contra determinados sujeitos), emergiram também discursos outros de resistência a essa força, como os de grupos sociais inferiorizados, tais como os dos movimentos negros e dos movimentos LGBTQIA+.

Neste mesmo raciocínio, o feminismo negro também contribui muito para esse entendimento, inclusive com a concepção de *interseccionalidade*, que teoriza uma inseparabilidade estrutural de

elementos produtores de avenidas identitárias “em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p. 19). Essa acepção teórica foi desenvolvida pela professora da Faculdade de Direito da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Kimberlé Crenshaw, para analisar a situação jurídica de mulheres negras estadunidenses em questões envolvendo seus direitos numa evidente associação entre gênero e raça (Crenshaw, 1989).

Este conceito acabou dando instrumentalidade à análise de dispositivos de poder diversos, cujos mecanismos de ação, muitas vezes, envolvem o entrelaçamento de muitos marcadores sociais da diferença.

## FORMAÇÃO DISCURSIVA DE EMPODERAMENTO

Nos estudos discursivos foucaultianos, fazer AD afasta-se de uma análise gramatical, pois ela pauta-se no enunciado, que é entendido como “um átomo do discurso” (Foucault, 2008, p. 90). O discurso, nessa concepção, envolve aspectos socioculturais, históricos e políticos, fazendo com que os sentidos não sejam admitidos como fixos, como aparecem nos dicionários, pois “são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” (Fernandes; Sá, 2021, p. 23).

Navarro (2020, p. 13), refletindo sobre essa questão, escreve que “uma das tarefas do tipo de análise de discursos que empreendemos é fazer emergir os diversos núcleos de poder”. Nesse mesmo sentido, Possenti (2006, p. 99) assinala que “o objetivo mais específico dessa análise consiste em descobrir quais são as posições (os posicionamentos, as formações discursivas que são expostas)”.

Olhando por esses apontamentos, nossa análise “parece” seguir um caminho inverso, uma vez que os enunciados pertencem a uma formação discursiva já identificada. Dizemos “parece” porque, como dito anteriormente, esses enunciados foram extraídos de outra pesquisa, por meio da qual contextualizou-se as falas como dentro de um quadro de resistência frente ao racismo e à homofobia.

Concluimos, a partir das falas de Navarro (2020) e Possenti (2006), que a formação discursiva (FD) é uma das categorias por meio das quais é possível operacionalizar a análise discursiva. Isso em razão de Foucault (2008, p. 132) afirmar que o discurso pode ser entendido como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”.

A FD é uma noção complexa, criada por Michel Foucault para evitar algumas palavras já saturadas “tais como ciência, ideologia ou teoria” (Foucault, 2008, p.43). FD, logo, é uma expressão que pode designar os posicionamentos sobre determinado tema.

Nas palavras do Exu Careca<sup>4</sup>, uma FD é identificada quando

[...] se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) (Foucault, 2008, p. 43).

Portanto, uma das maneiras de identificar uma FD é observar se há uma regularidade em relação ao objeto. Nesse sentido, consideramos que os discursos que aqui serão analisados fazem parte de uma FD de empoderamento. Isso corresponde dizer que os enunciados materializados na transcrição da entrevista refletem posição de um grupo de sujeitos em busca de

[...] autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (Berth, 2019, p. 18).

FD de empoderamento, dentro dessa premissa, é um conjunto de enunciados expressos por bixas pretas pensando “caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto” (Berth, 2019, p. 19). De um outro lado do poder, dentro dessas relações de forças, está a FD racista. Aquela cujos enunciados corroboram discriminações motivadas pela cor da pele, pela orientação sexual, pela identidade de gênero, pela crença ou falta dela, pelo lugar de origem, dentre outros.

## O COLETIVO COMO MODO DE REEXISTÊNCIA

*Afinidades, amizades, afetos, ideias – essas são as pulsões que desde sempre unem as pessoas em casais, famílias, comunidades, tribos, em gestos afirmativos (portanto, essencialmente felizes) de criação, interação e intervenção no mundo. Emergência no mundo (vasto mundo), corporificação e tomadas de posição. Voz(es), estratégias, manobras – política (Rezende, 2010, p. 5).*

Esta epígrafe relaciona-se ao pensamento de Michel Foucault na medida em que indica os agrupamentos como reflexo das relações de poder e, portanto, de lutas. E as lutas no entendimento foucaultiano, nos diz Castro (2009, p. 185), não são concebidas “como uma oposição termo a termo que as bloqueia, como um antagonismo essencial, mas como um agonismo, uma relação, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e reversível”.

Na esteira desse pensamento, os agrupamentos sociais podem assumir o caráter de uma estratégia de poder, voltada para a criação de novas formas de vida, de relações, de amizades, na sociedade, isto é, de novas estéticas de existências. Estas novas formas se instauram por meio de novas escolhas éticas para transformar-se a si mesmo em sujeito moral.

---

<sup>4</sup> A professora Dra. Adriana Rosa Cruz Santos utiliza a expressão “Exu Careca” para se referir a Foucault. A pesquisadora explica que para o panteão afro-brasileiro, Exu pertence ao âmbito dos orixás, correspondendo a uma força criadora, “responsável pelo caos produtivo” (Santos, 2011, p. 19).

Toda ação moral, na verdade, comporta uma relação com o real onde ela se realiza e uma relação ao código ao qual se refere. Porém ela implica também certa relação a si mesmo. Essa relação não é simplesmente conhecimento de si, mas constituição de si como 'sujeito moral' na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que segue, fixa certo modo de ser que querera como realização moral de si mesmo. E, para fazê-lo, atua sobre si mesmo, empreende o conhecimento de si, se controla, se põe à prova, aperfeiçoa-se, se transforma. O termo ética refere-se a todo esse domínio da constituição de si mesmo como sujeito moral (Castro, 2009, p. 156).

Ainda segundo Castro (2009), as expressões “sujeito moral” e “sujeito ético” são equivalentes no uso que Foucault faz delas. Neste sentido, sujeitos que buscam a ética estão a fazer um trabalho na própria subjetividade, a fim de atingir objetivo particular. Esse objetivo particular não corresponde ao objetivo particular de um sujeito universal. Como sabemos, Foucault rechaça a ideia de sujeito soberano, fundador. Conforme Ravel (2011, p.146), “o pensamento de Foucault apresenta-se, desde o início, como uma crítica radical do sujeito tal qual é entendido pela filosofia ‘de Descartes a Sartre’, isto é, como consciência solipsista e anistórica, autoconstituída e absolutamente livre”. Trata-se, portanto, de um sujeito constituído por determinações das relações do saber-poder, fruto dos processos de subjetivação.

Contudo, uma observação deve ser feita: esse objetivo particular não deve ser lido como equivalente a um abandono do campo político - “a estética da existência, na medida em que é uma prática ética de produção de subjetividade, é tanto assujeitada quanto resistente: é, assim, um gesto eminentemente político” (Revel, 2011, p. 55). Logo a elaboração sobre a ética de Foucault se dá numa perspectiva política de lutas contra a submissão da subjetividade.

Olívia Cristina Perez e Bruno Mello Souza, professores de Ciência Política, no 41º Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), ocorrido no ano de 2017, em Caxambu – MG, apresentaram uma pesquisa que tinha como objeto de estudo os coletivos à luz das teorias sobre os movimentos sociais. De acordo com os pesquisadores, o termo “coletivo” se refere à união de pessoas em torno de um “objetivo comum”, o que nos dá pistas para entender, logo de saída, que o trabalho ético realizado pelo sujeito dentro de um coletivo difere-se do trabalho ético feito individualmente.

De forma geral, pode-se compreender “coletivo” como um tipo de um agrupamento de sujeitos que sofreram processos de objetivação parecidos, acarretando pontos de vista análogos e motivações semelhantes para engajar-se em iniciativas de mudança social.

Embora Perez e Souza (2017, p. 15) afirmem que “não há uma definição de coletivos que abarque a variedade de organizações que se autointitulam dessa forma”, é possível encontrar uma regularidade em tais congregações: geralmente englobam iniciativas voltadas para melhorar a

existência de determinados sujeitos e servem para agir como resistência a dispositivos de poder que constituem formas predominantes das subjetividades.

Na pesquisa dos professores supracitados há o entendimento de que algumas características diferenciam o coletivo de outros tipos de organizações sociais, tais como o Grupo Gay da Bahia<sup>5</sup>, o Geledés<sup>6</sup> e o Grupo Dignidade<sup>7</sup>. Essas características dizem respeito, especificamente, ao “escopo da reivindicação – mais pontual no caso dos coletivos do que em um movimento social” (Perez e Souza, 2017, p. 15), mas também em relação a procedimentos burocráticos: o coletivo seria mais fluido – “bastaria a reunião de pessoas em prol de um tema comum, sem a necessidade de formalização” (Perez e Souza, 2017, p. 16).

Um dos principais gestos metodológicos da AD foucaultiana, indicado por Navarro (2020) e Possenti (2006), é isolar a instância de um acontecimento para relacioná-lo a outros enunciados. Em geral, considera-se que estamos diante de um acontecimento quando há por trás de um fato “toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas” (Revel, 2005, p.13). Nesta lógica, o acontecimento é uma ocorrência enunciativa relacionada a enunciados anteriores e a enunciados posteriores, formando um campo associado, no interior do qual as relações discursivas se traçam.

O acontecimento de que tratamos aqui é a fundação do *Coletivo Afrobixas*, durante a Semana da Consciência Negra, em novembro de 2015, na Universidade de Brasília.

No cronograma desse evento, uma das atividades propostas foi a roda de conversa de pretos gays, em que estudantes negros homossexuais manifestaram-se sobre suas experiências de enfrentamento do racismo e da homofobia, especialmente quando essas opressões demonstravam alguma intersecção. Esse momento de partilha suscitou a possibilidade de haver um espaço de acolhimento e empoderamento daqueles que se identificavam com questões pertinentes àquelas experiências relatadas, nascendo a ideia de um novo coletivo (Silva, 2017, p. 34).

A partir do entendimento de que qualquer produção discursiva “movimenta - faz circular - formulações anteriores, já enunciadas [...] como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento” (Courtine, 2009, p. 104), no que tange à concepção de um coletivo é possível que essa denominação tenha suas raízes em grupos de autoconsciência, criados com o propósito de reinterpretar as vidas, “mas também em busca de transformação social” (Silva, 2017, p. 35).

---

<sup>5</sup> A mais antiga associação brasileira de defesa dos gays ainda em atividade no Brasil. Com sede em Salvador, o GGB é uma organização não governamental (ONG) que, fundada em 1980, tem como uma de suas principais realizações os relatórios anuais de assassinatos de sujeitos homossexuais no Brasil. O professor Luiz Mott é um de seus fundadores.

<sup>6</sup> É uma organização da sociedade civil, fundada em 1988, em São Paulo, pela filósofa Sueli Carneiro. O grupo presta assistência jurídica às vítimas de discriminação racial e para casos de violência doméstica, desenvolve projetos de capacitação de lideranças femininas comunitárias e possui grupos de estudos em relação a direitos humanos.

<sup>7</sup> Fundado em 1992 em Curitiba, este grupo tem como diretor executivo o professor Toni Reis. Organiza alianças entre os grupos homossexuais do Brasil e atua na defesa da livre orientação sexual e expressão de gênero, bem como dos direitos humanos e da cidadania da comunidade LGBTQIA+.

Segundo Silva (2017), o *Coletivo Afrobixas*, especificamente, possui primordialmente encontros presenciais, mas também promove discussões em ambientes virtuais, não possuindo presidência ou hierarquia de comando. Suas deliberações sobre organização interna, gestão ou ações públicas são realizadas por meio de assembleias e com base em orientações de sua carta de intenções/estatuto.

Sobre o funcionamento discursivo, no que tange ao acontecimento “fundação do *Coletivo Afrobixas*”, identificamos a fundação de várias agremiações semelhantes, que num efeito de memória, podem ser vistas como a retomada de um já-dito. Assim, dentre os coletivos análogos, podemos citar o Grupo Somos<sup>8</sup>, o KIU<sup>9</sup>, as Blogueiras Negras<sup>10</sup>, as Linhas de Sampa<sup>11</sup>, dentre outros.

Prosseguindo no gesto metodológico, Navarro (2020, p. 18) diz que um outro passo é a reunião de um conjunto de enunciados que se relacionam ao acontecimento, para verificar “o modo como ela significa, constrói, produz saberes”. À vista disso, dentre os enunciados materializados, selecionamos algumas falas de cinco sujeitos entrevistados.

Sobre esses sujeitos, Silva (2017, p. 41) informa que:

Para a escolha dos participantes da pesquisa, tomei por base a recomendação de Alberti (1990, p. 31-32) sobre “selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos”. [...] Com esse entendimento [...] convidei seus membros [do *Coletivo Afrobixas*] a participar de uma entrevista aberta, com o objetivo de relatarem suas histórias de vida.

Ainda segundo Silva (2017), dentre os critérios para essa participação o sujeito deveria considerar-se negro e homossexual. Na sequência da pesquisa, os nomes reais dos sujeitos participantes foram substituídos por pseudônimos, conforme livre escolha, e as gravações dos relatos autobiográficos aconteceram de uma só vez, em entrevista aberta, em local e horário escolhido pelos entrevistados, nas seguintes datas: Malcolm (12/04/2016), Danilo (14/04/2016), Gabriel (14/04/2016), Sandro (15/04/2016) e Rodrigo (15/04/2016).

---

<sup>8</sup> *Grupo de Afirmação Homossexual* (fundado em 1971, considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos LGBTQIA+ no Brasil), formado correlacionado ao jornal *Lampião da Esquina*, tinha como base a reflexão sobre a vivência da homossexualidade fora dos guetos. Mais conhecido apenas como *Somos*, o grupo, que tinha sede no Rio de Janeiro e dissolveu-se em 1983, teve entre seus membros o roteirista Aguinaldo Silva, o artista plástico Darcy Penteado, o antropólogo Peter Fry e o escritor João Silvério Trevisan.

<sup>9</sup> “O Coletivo Universitário pela Diversidade Sexual – KIU foi criado em Salvador, no ano de 2004, a partir da associação de estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) após o II Encontro Nacional de Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES). Sua ação direciona-se à formação no âmbito acadêmico para a discussão sobre diversidade sexual e para ações que contemplem arte, cultura e cidadania LGBT (Silva, 2017, p. 38).

<sup>10</sup> Comunidade on-line em vigência desde 2012. Com aproximadamente 200 autoras negras, utiliza informações como ferramentas contra opressões incidentes sobre o racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia, classicismo e gordofobia.

<sup>11</sup> Coletivo autônomo, formado em São Paulo. É um desdobramento do grupo *Linhas do Horizonte*, fundado em 2016, em Belo Horizonte. Trabalha com panfletos bordados (um quadradinho de tecido), mas também faixas, painéis, estandartes etc. para utilizar em eventos. Abordam temas como democracia, justiça social e solidariedade. O material é distribuído gratuitamente.

Apesar de não termos acessado diretamente os áudios<sup>12</sup> por meios dos quais seriam possíveis análises sobre como sentimentos (vergonha/orgulho, medo/coragem, tristeza/alegria, raiva/calma, entre outros) emergiram durante a produção dos enunciados desses sujeitos, a transcrição materializadora dos enunciados revela uma reiteração: todos, em algum momento do relato, revelam o sentimento de repressão alheia em relação a sua negritude e/ou a sua homossexualidade ou o medo de despertar a decepção em outras pessoas por se autorreconhecerem nessa identidade interseccional.

Danilo, por exemplo, contou sobre quando ingressou na universidade, enunciando que não tinha contatos afetivos. “[...] não era muito ligado a isso, e eu tinha muito aquela coisa de me preservar [pausa] por conta da questão da minha mãe, porque como eu não podia frustrar ela [...]” (Silva, 2017, p. 135).

Gabriel, nesse mesmo contexto, expôs que passou por um processo complexo:

Na universidade, aquele mundo novo maravilhoso; todas aquelas milhares de pessoas pra te fortalecer; todo conhecimento e abertura da mente [pausa] [...] ao mesmo tempo que eu tinha toda essa abertura no ambiente universitário, em casa eu continuava sendo somente mais um ser no universo comum; não podia ser diferente porque isso era considerado rebeldia (Silva, 2017, p. 139).

Malcolm relatou que ao contar para a mãe que era gay, aos dezoito anos, ela “[...] ficou superchateada e chorou muito tempo” (Silva, 2017, p. 130). Ele acrescentou também que, ao conseguir um emprego, começou a deixar seu cabelo em formato *black power*, mas que houve discursos contrários: “Houve muita resistência por parte da minha mãe e por parte do meu chefe. Ele falava quase todos os dias que eu devia cortar o cabelo; quase todos os dias” (Silva, 2017, p. 132).

Sandro contou sobre suas experiências na escola de Ensino Médio: “foi um processo muito doloroso porque eu não me sentia pertencente a este espaço [pausa longa] e o racismo estava presente de uma forma muito agressiva [pausa longa]” (Silva, 2017, p. 142).

Rodrigo articulou a questão da seguinte forma:

Muitas pessoas têm experiências muito parecidas e eu percebi que é por serem negros e gays. Por exemplo, vários meninos, até dois anos atrás no máximo, raspavam o cabelo desde a vida toda porque o cabelo era considerado ruim e era melhor deixar ele raspado (Silva, 2017, p. 148).

Outra regularidade nos enunciados indica que a maioria dos negros homossexuais com acesso à universidade vive nas camadas mais pobres da população. Dos entrevistados, todos são de origem

---

<sup>12</sup> Variações de entonação, ritmo, intensidade, entre outros, dão pistas das sensações sentidas durante a verbalização.

periférica. Malcolm: “A gente mudou várias vezes, a gente foi [pausa]; a gente sempre permaneceu na periferia e só agora a gente tá no centro [pausa]” (Silva, 2017, p. 127). Gabriel: “A maioria dos meninos são periféricos, ou seja, a gente se entende, entende a vivência do outro, às vezes até sem ter que falar muita coisa a gente se entende, a gente sabe o que os outros passam” (Silva, 2017, p. 140). Sandro: “Retratar a minha realidade universitária é impossível sem caracterizar as minhas vivências. Sou um garoto preto, pobre, da periferia” (Silva, 2017, p. 143). Rodrigo: “Aí eu conversei com uma menina que também é negra, do curso, e participa da empresa júnior, e falei tudo isso, que todo mundo é rico, que eu não me encaixo” (Silva, 2017, p. 147).

Essas duas regularidades são importantes, pois além de confirmarem a força da homofobia e do racismo agindo sobre a subjetividade desses sujeitos, permitem também identificar a estratificação social em que estão inseridos. Contudo, esse não é o foco maior de nossa atenção. Queremos destacar como esses rapazes recorrem ao coletivo para tentar re(ex)sistir, reinventando subjetividades a partir da reflexão conjunta sobre suas trajetórias, conflitos e vitórias, utilizando a injúria como mola impulsora de novas estéticas de existência por meio da costura de sentimentos edificantes.

Baseando-nos em uma entrevista de Foucault, de 1981, denominada *Da amizade como modo de vida*, entendemos que ressignificar ser bixa preta é, por assim dizer, uma estratégia interessante de enfrentamento aos poderes que querem subjugar esses sujeitos. Isso corresponde dizer que, ao participarem do coletivo, estas bixas prestas praticam exercícios de/em si, desenvolvendo novos modos de vida. Em determinado momento da entrevista, por exemplo, Malcolm enunciou:

O curioso do Afrobixas é porque, logo no primeiro dia foi chocante pra mim, porque eu nunca tinha visto tanta ‘bixa’ preta empoderada no mesmo lugar. Você entrar num lugar assim e olhar a sua volta todo mundo preto, todo mundo ‘bixa’ é muito, não sei, é muito apoteótico! [risos] É uma parada catártica, sabe? [pausa]. Você espera ter, né? [pausa] Esse sentimento de adequação – todo mundo espera ter um sentimento de adequação –, então eu me vi adequado finalmente em algum lugar (Silva, 2017, p. 133).

Este sujeito relata que o primeiro dia do coletivo já despertou nele um sentimento diferente, um sentimento de pertencimento. O simples fato de ver sujeitos semelhantes despertou-lhe um empoderamento. A escolha do termo “apoteótico” é indicativa de uma prática de liberdade, pois sugere o sentimento de deificação. Da mesma forma, a palavra “catártica” também sinaliza para uma afirmação de si, visto que, neste contexto, tem seu sentido relacionado com a libertação do que estava reprimido, referindo-se aos sentimentos de adequação.

Danilo também enuncia sentir um pertencimento: “Eu vi que eu não tava sozinho, e que muitas vezes minhas inquietações pessoais eram meio que compartilhadas com eles” (Silva, 2017, p. 136).

Gabriel utiliza o adjetivo “maravilhosos” para se referir aos sujeitos homossexuais negros: “Pelo menos no Afrobixas a gente tá tentando se organizar pra um movimento diferente, assim, de

produção da gente, pra gente; de pessoas negras pra pessoas negras; de gays negros maravilhosos pra gays negros maravilhosos” (Silva, 2017, p. 141). Essa escolha lexical também é significativa de sentimento positivo, indicando um fascínio de si, um prazer pela própria existência. Sentimento difícil de ser sentido num país onde a *bixisse* é fator para o correlacionamento com o impertinente, haja vista o funcionamento impetuoso do *dispositivo heterocisnormativo*. Segundo Camarano (2020, p. 97) o *dispositivo heterocisnormativo* pode ser compreendido como “um conjunto de mecanismos, sejam eles ditos ou não ditos, que engloba práticas culturais, sociais, históricas, jurídicas, instituições e discursos, que funcionando em função de uma estratégia de poder dominante, reforçam condutas heterossexuais e cisgêneras, considerando-as como normais, verdadeiras e saudáveis”.

Sob esse entendimento, torna-se pertinente a observação de Lanz (2015, p. 236) sobre como a vigilância de gênero entra prontamente em ação pela simples hipótese de que alguém esteja se desviando daquilo que a sociedade considera “normal” em termos de papéis e estereótipos de gênero. Confirmamos isso facilmente no trato social quando pais, familiares, professores ou mesmo colegas colocam em prática estratégias de dissuasão destinadas a convencer o sujeito “desviante” de que ele deve retornar imediatamente ao caminho da “normalidade” e do “bem”. Isso demonstra uma objetivação dos sujeitos no que tange aos papéis sociais de gênero e a periculosidade de o sujeito desatender a ordem do discurso. Enunciar-se homossexual é sempre um ato perigoso, pois como conduta desobediente, ele incorre ao risco de sanções e penas.

Acontecimentos discursivos diversos têm mostrado que essa pedagogia de gênero é muito desenvolvida por práticas amedrontadoras, recursos de culpabilidade e assassinatos. O portal de notícias G1, por exemplo, apresentou uma reportagem<sup>13</sup> sobre um pai suspeito de agredir o filho de 14 anos por ser homossexual, no município de Jataí, no sudoeste goiano. De acordo com *site*, vizinhos gravaram áudio para denunciar a agressão à polícia. Na gravação, enquanto o menino apanha, é possível ouvir o seguinte enunciado do pai: *Eu estou cansado de te falar. Eu já não falei para você mudar? Você tem que mudar, você sabe por quê? Porque se você não mudar, eu te mato, eu te arrebenho.*

Outro caso é exposto pelo *website* Observatório G, onde há o relato de um caso ocorrido na cidade de Berna, na Suíça, no qual um pai, inconformado com a homossexualidade do filho, resolveu atacar o garoto com golpes de faca, atingindo-o na garganta. Segundo as informações do *site*<sup>14</sup>, o adolescente teve que entrar em luta corporal com o pai para sobreviver e teria ouvido o seguinte enunciado antes do ataque: *Você é gay?*

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/05/06/pai-e-levado-a-delegacia-suspeito-de-agredir-adolescente-por-ser-homossexual-apos-vizinhos-enviarem-audio-a-policia-ouca.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/apos-descobrir-que-o-filho-gay-pai-corta-garganta-do-garoto>. Acesso em: 02 mar. 2023.

Em evento análogo, o site Hypheness apresenta o relato de um rapaz, que sendo filho e neto de pastores, se assumiu gay<sup>15</sup>. De forma geral, a matéria revela que o moço foi criado dentro de um ambiente cristão e acabou sofrendo muito por não aceitar sua orientação sexual, como podemos perceber no seguinte enunciado, proferido por ele: *Em muitos prantos e rios de lágrimas conversava com o Senhor pedindo uma cura, porque achava que por ser gay era doente (e eu não era) e nessa noite chorei demais. Lembro-me como se fosse hoje, coloquei o travesseiro na boca e gritava muito, pois era muito forte a opressão que eu vivia.*

Mais exemplos podem ser visualizados na página de jornalismo #Colabora<sup>16</sup>, onde – na série *LGBTs: Fora do Culto* – jovens revelam experiências de intolerância em igrejas evangélicas. Ali aparecem enunciados de sujeitos que cresceram ouvindo que sua orientação sexual significava perversão, maus espíritos ou um teste espiritual.

Da mesma forma, o discurso racista “atua produzindo subjetividades e afeta profundamente a vida daqueles que subjuga sob o estigma da inferioridade” (Pequeno, 2019, p. 1). Esse tipo de discurso cria subjetividades injuriadas por meio de enunciados depreciativos que, repetidos tantas vezes, despertam sensações de indignidade em sujeitos negros; como coloca Malcolm: “[...] existia alguma coisa diferente em mim, indesejável [...]. [...] eu questionava a minha mãe “por que você raspa meu cabelo?” e ela falava que era porque achava mais bonito; que raspado era mais bonito” (Silva, 2017, p. 129-131).

Em outro trecho das narrativas coletadas pela pesquisa, o entrevistado, Danilo, conta que, em determinado momento de sua vida, chegou à seguinte conclusão: “A vida de preto viado segue sempre o mesmo caminho: não afetividade e baixa autoestima” (Silva, 2017, p. 136).

As subjetividades envergonhadas são resultantes de discursos desses tipos, os quais estereotipam sujeitos negros e homossexuais como feios e inadequados. Por outro lado, o coletivo tem ajudado estes sujeitos a criarem subjetividades outras, baseadas em orgulho. Nesse sentido, Malcolm enunciou: “Tô me sentindo mais negro, mais bixa” (Silva, 2017, p. 133).

Por tudo o que foi dito até aqui, o orgulhar-se coletivamente de ser bixa preta é inevitavelmente uma prática de re(ex)sistência. Se pensarmos com Foucault, para quem os sujeitos podem trabalhar sua própria subjetividade a partir de um cuidado de si - um trabalho ético/estético, definindo sua posição em relação aos preceitos sociais, cada integrante deste coletivo faz de si

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/05/o-relato-deste-filho-e-neto-de-pastores-que-se-assumiu-gay-e-emocionante/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods16/lgbts-revelam-experiencias-de-intolerancia-em-igrejas-evangelicas/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

próprio um elemento afetivo-político. Assim, essas bixas pretas, ao desenvolverem uma ética própria, vão ao encontro daquilo que Foucault (1981) propôs: a amizade como modo de vida.

Nesse sentido, Rodrigo enuncia como um novo afeto foi desenvolvido:

No começo eu só queria um local pra poder conversar mesmo e trocar vivências, mas eu tenho visto que o coletivo tem um potencial muito maior de mudar a vida... eu sempre encontro com eles, eu sempre tenho agora alguém pra almoçar, alguém pra conversar, alguém pra sair (Silva, 2017, p. 149).

Assim, essas bixas pretas, sujeitos historicamente discursivizados como indignos, ao praticarem uma nova forma de relação consigo e com os outros, na qual existe uma recusa do abandono, criam mecanismos para trabalhar seus sentimentos, de forma a criar uma percepção boa sobre si, inscrevendo-se numa posição sujeito empoderada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esteio de reflexões foucaultianas, buscamos tratar neste estudo sobre os processos de subjetivação de bixas pretas. A partir de uma base discursiva-interseccional, analisamos como clivagens objetivadoras agem de forma a marginalizar sujeitos negros homossexuais.

Tomando como parâmetro a escola brasileira dos estudos discursivos, Possenti (2006) e Navarro (2020), assumimos algumas posições teóricas e adotamos determinada metodologia.

As posições teóricas dizem respeito às tentativas de explicar a ocorrência do acontecimento discursivo [...] e dar conta de seu desdobramento em um conjunto de textos produzidos em esferas específicas, convocando enunciadores de alguma forma autorizados ou implicados. As questões metodológicas dizem respeito à composição do *corpus* de análise e aos procedimentos analíticos que se seguem (Possenti, 2006, p. 108).

Nesse sentido, fazer AD é escolher algumas ferramentas teórico-metodológicas, realizando batimentos entre elas. Priorizamos destacar as noções de *acontecimento*, *enunciado* e *formação discursiva*. Além disso, para ampliação e reforço argumentativo, privilegamos fundamentos teóricos de sujeitos mulheres e/ou dissidentes da norma sexo/gênero e/ou negros: Bernd (1994) e Oliveira (2017) para o entendimento de *racismo*, Peres e Souza (2017) para o entendimento de *coletivo*, Akotirene (2019) para o entendimento de *interseccionalidade*, Berth (2019) para o entendimento de *empoderamento* e Camarano (2020) para o entendimento de *dispositivo heterocisnormativo*.

Na baila das análises discursivas realizadas no que concerne ao *corpus* da pesquisa, tomando os sujeitos como “invenção histórica, permanecendo, portanto, ligados a seu tempo e guardando valores e/ou traços culturais que poderão ser resignificados ou transformados” (Fernandes Júnior, 2016, p. 10), fomos capazes de observar: 1) a dimensão nociva de discursos racistas sobre a subjetividade das bixas pretas; 2) o coletivo como tecnologia de subjetivação de re(existência).

A historicidade dos enunciados possibilitou a compreensão de que os discursos racistas promovem uma associação do sujeito negro homossexual a sentimentos depreciativos. O coletivo, enquanto processo de criação e recriação de tramas discursivas e dramas de sociabilidades, pode possibilitar um processo de redesenho subjetivo.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Moderna, 1994.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

CAMARANO, Pedro Anácio. **Arqueogenealogia bajubeira**: uma análise das práticas de poder e resistência. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Goiás. Catalão, 2020.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

COURTINE, Jean-Jacques Courtine. **Análise do discurso político - o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Chicago: Chicago Unbound, v.1, article 8, p. 139-168, 1989. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>>. Acesso em: 07 set. 2024.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SÁ, Israel de. **Análise do discurso - reflexões introdutórias**. Campinas: Pontes, 2021.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Michel Foucault: discurso, história e construção de singularidades*. In: MELHO, Sílvia Mara de; FERNANDES, Cleudemar Alves. (Orgs.). **Violência e seus paradoxos - práticas discursivas pelas lentes de Michel Foucault**. São Carlos: EdUFUCar, 2016, p. 9-20.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - a vontade de saber**. São Paulo: Gral, 2005.

KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia Sexualis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa - a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros**. Curitiba: Transgente, 2015.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeiras - re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador: Editora Devires, 2017.

NAVARRO, Pedro. **Estudos discursivos foucaultianos - questões de método para análise de discursos**. Pará: Revista Moara, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente - (re)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 07 set. 2024.

PEQUENO, Anita. **História Sociopolítica do Cabelo Crespo**. Rio de Janeiro: Revista Z Cultural, 2019.

PEREZ, Olívia Cristina. SOUZA, Bruno Mello Souza. **Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos.** 2017. Texto apresentado no 41º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/qt-30/qt11-15/10696-velhos-novos-ou-novissimos-movimentos-sociais-as-pautas-e-praticas-dos-coletivos/file>. Acesso em: 01 mar. 2023.

POSSENTI, Sírio. *Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso.* In: NAVARRO, Pedro (Org.) **Estudos do texto e do discurso - mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault - conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

REZENDE, Renato. **Coletivos.** Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010.

SANTOS, Adriana Rosa Cruz. **Heterotopias menores - delirando a vida como obra de arte.** 2011. 150 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/15049>. Acesso em: 07 set. 2024.

SILVA, Cris Guimarães Cirina da. **O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro.** 2020. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7664>. Acesso em: 07 set. 2024.

SILVA, Pedro Ivo. **Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade.** 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis.